

ESFINGE OU CALEIDOSCÓPIO?

O desafio da pesquisa em livros didáticos de História

Helenice A. B. Rocha*

RESUMO: Situamos o problema da pesquisa do livro didático no Brasil, a partir do desafio colocado a sua análise em diversas partes do mundo. Tomamos o livro didático como repositório material de discursos didatizados sobre conhecimentos relativos a um campo específico de saber, com leitura mediada ou não, destinado ao público escolar. Na primeira parte, nos interessa “re”apresentar advertências trazidas a público por Alain Choppin, ao classificar os tipos de pesquisas sobre tais livros. Na segunda apresentaremos algumas alternativas teórico-metodológicas no escopo de uma parte dessas pesquisas e, entre elas, o percurso do projeto “Narrativa Histórica nos livros didáticos: tradição e rupturas.”

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Ensino de história; Narrativa; Currículo.

Sphynx or Kaleidoscope? Research challenges in history school textbooks

ABSTRACT: The problem of school textbooks research in Brazil is analyzed from the perspective of its challenge in various parts of the world. The school textbook is considered a memory space of pedagogic discourse on knowledge of a specific field, with or without reading mediation for school students. The article's first part is a “re” introduction of warnings made public by Alain Choppin in the classification of school textbook research types. The second one presents some theoretical and methodological options in the field of research work carried out, as is the case of the “Historic Narrative in School Textbooks: Tradition and Ruptures” project.

KEY WORDS: School textbook; Teaching of history; Narrative; Curriculum.

¿Esfinge o Caleidoscopio? El desafío de la investigación de manuales escolares de historia

RESUMEN: Se presenta la problemática de la investigación del manual escolar en Brasil a partir del desafío que plantea su evaluación en diferentes lugares del mundo. Se considera al manual escolar como un espacio de memoria de la didactización de discursos sobre el conocimiento relacionado a un campo específico del saber, destinado al público escolar. En la primera parte se “re” introducen críticas públicas de Alain Choppin, a partir de la clasificación de los tipos de investigación de manuales escolares. En la segunda, se presentan algunas alternativas teórico-metodológicas dentro del ámbito de un componente de dichas investigaciones, el recorrido del proyecto “La narrativa histórica en los manuales escolares: tradición y rupturas”.

PALABRAS CLAVE: Manual escolar; Enseñanza de historia; Narrativa; Plan de estudios.

*Helenice Aparecida Bastos Rocha é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no curso de História e na pós-graduação stricto-sensu, no PPGHS e no PROFHISTORIA, com diversas publicações e artigos publicados relacionados ao ensino de história. Coordena o Grupo de Pesquisa Oficinas de História. É bolsista de produtividade do CNPQ e do Prociência UERJ/Faperj, com o projeto “Narrativas nos livros didáticos de História: tradição e rupturas,” bem como coordena o projeto CNPQ Universal 2019/2021 “Usos do passado: história pública, didática e formação do professor,” também relacionado a esta publicação. Contato: Rua Francisco Portela, 1470, Patronato, CEP: 24435-005, São Gonçalo-RJ, Rio de Janeiro, Brasil. Email: helarocha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0456-4650>

Como todo objeto de pesquisa, o livro escolar não é um dado, mas o resultado de uma construção intelectual: não pode então ter uma definição única. É, ao contrário, indispensável explicitar os critérios que presidem esta elaboração conceitual, porque uma das principais insuficiências – muitas vezes denunciadas – da pesquisa histórica sobre os manuais escolares, e especialmente da pesquisa comparada, reside sempre, como assinala ainda recentemente Annie Bruter, "no caráter de alguma forma natural, ahistórico, dos manuais escolares aos olhos de muitos historiadores"

Alain Choppin (2009)

A epígrafe acima estabelece uma provocação aos que interrogam o livro didático ou aspectos do mesmo. Ela fala sobre a possível dificuldade do pesquisador em colocar-se diante de um objeto naturalizado socialmente, utilizado desde a idade escolar até o fazer profissional nas sociedades letradas. O livro didático, tal como uma esfinge, quando está fechado, ou um caleidoscópio, ao abrir-se, é possuidor de características variadas desafiantes ao pesquisador, de acordo com a natureza do interrogatório que se fizer a ele ou a seus componentes.

Nos últimos anos, as pesquisas sobre o livro didático têm trazido a público contribuições que evidenciam o amadurecimento de um campo de pesquisa, inclusive a partir de advertências tais como as colocadas acima por Alain Choppin, consensuais entre uma parte dos pesquisadores do livro e da história da educação. A partir do desafio colocado às análises sobre esse objeto, situamos o problema da pesquisa em tais livros no Brasil, em especial a pesquisa sobre o seu conteúdo e apresentamos o projeto “Narrativa Histórica nos livros didáticos: tradição e rupturas,” visando compartilhar um caminho de pesquisa construído, entre outros caminhos possíveis, sobre as narrativas presentes em livros didáticos de História, tendo em conta que existem diferentes formas de abordar este complexo objeto, em seus diferentes aspectos. O projeto é tomado como um dos exemplos de uma abordagem holística e transversal sobre as narrativas desses livros.

Nossa proposta é resultado também de diálogos profícuos com outras pesquisas e caminhos. Como a pesquisa sobre e no livro didático de história acontece principalmente de forma individual, realizada tanto por pesquisadores iniciantes quanto experientes, a possibilidade de compartilhar opções teórico metodológicas pode propiciar a troca virtual e a formação de redes informais de uma oficina de pesquisa. Visamos problematizar uma avaliação que se estabeleceu entre pesquisadores do e no livro didático de história, quanto à potencialidade heurística de algumas alternativas de pesquisa.

Tomamos o livro didático como repositório material e articulado de um discurso didatizado sobre conhecimentos de um campo específico de saber, destinado a determinado público – alunos de escolas – com leitura e uso mediados ou não por professores. Sendo

assim, a pesquisa pode ocorrer sobre o objeto livro didático como produto em um circuito de produção e consumo. Ou sobre o conjunto de linguagens articuladas na obra, o discurso verbal, visual ou ambos - organizado em uma obra impressa voltada para certo público - acerca do conhecimento específico, em nosso caso, o conhecimento histórico escolar, abordando um dos aspectos desse caleidoscópio: pedagógico, historiográfico, curricular entre outros.

O artigo constará de duas partes. Na primeira, nos interessa “re”apresentar advertências e críticas trazidas a público por Alain Choppin e endossadas por outros especialistas, sobre as pesquisas realizadas em livros didáticos, especialmente no que se refere à análise de seu conteúdo, modalidade de pesquisa mais realizada e mais criticada por sua fragilidade. Nessa mesma parte do texto, pretendemos problematizar tais críticas a partir de diversos referenciais e apresentar um destaque para algumas iniciativas que sintetizam de formas diversas as pesquisas panorâmicas sobre os livros didáticos: eventos e compilações de pesquisas com as contribuições que trazem para o campo no Brasil; publicações que fizeram um esforço organizativo do que é produzido, artigos isolados que apresentam pontos de vista que nos ajudam a pensar sobre a problemática de pesquisa nos livros didáticos.

Na segunda parte do texto, estabelecendo um recorte, apresentaremos algumas alternativas aos problemas apontados em pesquisas internacionais e as opções e caminhos teórico-metodológicos do projeto Narrativa histórica, entendendo que esse conjunto pode apresentar possibilidades para a pesquisa da narrativa histórica em tais livros, bem como aspectos dessas opções podem ser considerados no trabalho de pesquisa com outras disciplinas. Nossa ambição é a de demonstrar que, alternativas que considerem a narrativa histórica escolar não apenas relativamente a um tema, mas visem à interação entre temas, denominadas abordagens heurísticas, podem responder a questões tais como a dos temas sensíveis em livros didáticos sem necessariamente terem como motor tão somente o aspecto ideológico criticado por Choppin na abertura deste artigo.

A hierarquização subjacente às distinções entre as pesquisas

Com um currículo constituído ao longo de uma vida como pesquisador em plano internacional acerca dos livros didáticos e sua história, Alain Choppin escreveu textos de referência para os pesquisadores do livro didático que repercutem até hoje, inclusive no Brasil. Em um desses textos, apresenta uma distinção já bastante conhecida que cria uma baliza para os pesquisadores do livro didático:¹

... podemos nos arriscar a distinguir duas grandes categorias de pesquisa:

- *aquelas que, concebendo o livro didático apenas como um documento histórico igual a qualquer outro, analisam os conteúdos em uma busca de informações estranhas a ele mesmo (a representação de Frederico II da Prússia, ou a representação da ideologia colonial, por exemplo), ou as que só se interessam pelo conteúdo ensinado por meio do livro didático (história das categorias gramaticais, por exemplo);*
- *aquelas que, negligenciando os conteúdos dos quais o livro didático é portador, o consideram como um objeto físico, ou seja, como um produto fabricado, comercializado, distribuído ou, ainda, como um utensílio concebido em função de certos usos, consumido — e avaliado — em um determinado contexto.*

Em seu esforço de classificação de tais pesquisas, o autor continua, no mesmo texto:

No primeiro caso, a história que o pesquisador escreve não é, na verdade, a dos livros didáticos: é a história de um tema, de uma noção, de um personagem, de uma disciplina, ou de como a literatura escolar foi apresentada por meio de uma mídia particular; além disso, é frequente que os livros didáticos constituam apenas uma das fontes às quais o historiador recorre.

Na segunda categoria, ao contrário, o historiador dirige sua atenção diretamente para os livros didáticos, recolocando-os no ambiente em que foram concebidos, produzidos, distribuídos, utilizados e “recebidos”, independentemente, arriscaríamos a dizer, dos conteúdos dos quais eles são portadores.

Essa distinção é seguramente esquemática, uma vez que uma pesquisa geralmente participa — ainda que em proporções variáveis — das duas categorias. Nós a manteremos, no entanto, em nome da clareza e comodidade de nossa exposição.

A classificação apresentada por Alain Choppin é didática, funcionando até hoje como parâmetro a muitos pesquisadores que pretendem realizar seus estudos em livros didáticos, como também serviria aos que trabalham com outras fontes documentais. E sua última observação sobre o cruzamento de referências das duas categorias demonstra que, mesmo as pesquisas em livros didáticos (sobre determinados conteúdos) necessitam considerar aspectos relativos a uma economia do objeto material pesquisado, conforme o último trecho da citação.

De fato, e até hoje, muitos trabalhos de pesquisa sobre o livro didático de história se ocupam de um tema, ou até mesmo “de como a literatura escolar foi apresentada por meio de uma mídia particular”, ou livro didático. Mas será esse um problema que automaticamente descredencia tais pesquisas?

Mikhail Bakhtin afirma que todo ato de linguagem possui uma carga axiológica². Todo esforço de classificação carrega consigo uma avaliação - positivante ou negativante - sobre o que classifica. Sendo a classificação um ato de linguagem, a categorização apresentada também pode ganhar uma conotação hierarquizante sobre tais pesquisas, o que credencia algumas e descredencia outras, a priori. A classificação de Choppin carrega uma

avaliação, que coloca sobre o primeiro grupo de pesquisas – o que pesquisa temas ou conteúdos em livros didáticos - o problema de não enxergar no livro didático o que é: um livro didático. Tal crítica deve ser analisada com cautela, pois pode “jogar fora a criança, junto com a água do banho.”

A tendência ao predomínio de pesquisas e análises sobre o conteúdo do livro didático persiste mundialmente, como teremos oportunidade de ver adiante. Também no Brasil, a partir de dissertação inspirada por outra provocação de Choppin (a da necessidade de inventários exaustivos das pesquisas), Moreira e Silva³ no livro “Um inventário: o livro didático de história em pesquisas (1980 a 2005)” confirmam a primazia das pesquisas de análise do conteúdo dos livros didáticos, diagnóstico já feito na década de 1990 por Freitag.⁴ O que levará a essa persistência e predomínio? E qual é exatamente o seu problema?

Continuando com a classificação para as pesquisas que focalizam o conteúdo do livro didático, o autor as classifica como tendências ideológicas ou epistemológicas, novamente hierarquizando as escolhas dos pesquisadores:

A análise científica dos conteúdos é marcada por duas grandes tendências: a primeira, por muito tempo privilegiada pelos pesquisadores e que continua ainda na atualidade, refere-se à crítica ideológica e cultural dos livros didáticos; a segunda, mais recente, mas que tem sido cada vez mais considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo dos livros didáticos segundo uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática.

Depreende-se uma crítica do autor às temáticas predominantes na tendência ideológica, segundo as pesquisas analisadas:

...frequentemente retomadas em cada país: as que se referem à formação da identidade nacional, e que são as mais comuns, notadamente em países que conquistaram autonomia ou que a recuperaram recentemente, ou ainda naqueles nos quais o poder político preocupa-se em consolidar ou alimentar — por razões diversas — o sentimento de nacionalidade. Dentre as questões também muito frequentes destacam-se as que se relacionam com a inserção social, desde a aprendizagem de regras de boas maneiras até a educação para a cidadania... [...]

... são abordados temas relacionados à atualidade ou a um contexto nacional particular: assim a questão das minorias negras nos Estados Unidos tem sido objeto de várias publicações desde 1941; o debate sobre a descolonização suscitou uma abundante literatura na França, a partir de meados dos anos 1960. Os períodos do nacional-socialismo, do imperialismo japonês e, mais recentemente, a fase franquista chamaram particularmente a atenção dos historiadores alemães, japoneses e espanhóis que têm estudado a produção da época ou analisado a imagem apresentada pelos livros didáticos atuais sobre tais períodos. Exemplos desse tipo poderiam ser multiplicados.

Segundo Moreira e Silva,⁵ as pesquisas com ênfase nos aspectos ideológicos no Brasil estariam situadas no final da década de 1970 e início de 1980, sendo especialmente

representadas nos títulos “As belas mentiras” e “Ideologia no livro didático”⁶. Em tais obras predominaria a denúncia de aspectos declaradamente ideológicos em livros didáticos, não apenas de História. O leque da crítica de Choppin, entretanto, é mais amplo e tem a ver com a crítica ideológica sobre determinadas temáticas, incluindo as obras que privilegiam temas sensíveis, como a questão racial nos Estados Unidos ou as lutas pela identidade nacional nos países com lutas recentes por autonomia política. Com a problemática dos nacionalismos na contemporaneidade, este se torna um tema sensível. A pesquisa de Maria Grever e Tina van der Vlies,⁷ que apresentaremos adiante, é um estudo sobre a predominância dos estudos sobre o nacionalismo hoje, em especial em Estados emergentes.

Aqui chegamos a um ponto relevante na crítica às pesquisas a partir de um enfoque ideológico. Como as temáticas nos livros - de História, em especial - visam a formação dos estudantes (nacional, identitária, científica), as pesquisas, ao recortarem intencionalmente temas, tratarão, mesmo que de forma não privilegiada, de aspectos ideológicos, ao visar a formação em determinado aspecto. Um exemplo bastante atual no Brasil está nas diversas pesquisas sobre a incorporação da lei 10639/03 e da lei 11645/08 nos textos verbais e imagéticos dos livros didáticos de História, bem como a presença sobre a temática do gênero em tais livros.

A seletividade que a memória social opera sobre o currículo demonstra como as ideias de correção, validade e verdade do conhecimento carregam junto a critérios aparente e somente científicos o aspecto ideológico, na conformação de textos e narrativas dos livros didáticos. Choppin, desconsiderando que a pesquisa e publicação sobre temas dessa natureza necessariamente enfrentam essas disputas, explica sua hipótese sobre tais preferências temáticas, no mesmo texto já citado:

... Mas isso também pode se dever ao fato de que o pesquisador não chegou a abandonar os preconceitos constitutivos de sua própria identidade cultural. Essas escolhas e esses silêncios remetem à delicada questão do papel do pesquisador e de sua impossível objetividade. “Uma vez que **é impossível estabelecer critérios de avaliação inequívocos, sem a ajuda de procedimentos científicos**, essas mesmas análises estão sujeitas a participar de uma ideologia, e podemos considerar que certas pesquisas existentes nada mais fazem que tentar substituir ideologias (reais ou presumidas) que elas identificaram por meio de outras ideologias”, observou Wolfgang Marienfeld.⁸

A advertência nos lembra que todos os historiadores – em relação a quaisquer fontes em suas pesquisas - necessitam considerar que o “eu do historiador” - não situado no presente e nem no passado - é constitutivo de sua escrita da história, como dito por Sabina Loriga.⁹ Assim, não seria necessariamente por uma questão de preconceito do pesquisador, mas de

pertencimento e engajamento (com certos grupos que vêm traduzidos, fragilizados ou fortalecidos na narrativa do livro) e de concepção sobre a relação entre o conhecimento escrito e sua aprendizagem (bem como seu impacto na formação de novas gerações),¹⁰ que alguns historiadores irão selecionar e analisar determinados temas nos livros didáticos. Citando Ricoeur, Loriga defende o exercício de uma subjetividade dialógica pelo historiador, com que concordamos:

[A história] ... é movimentada tanto por uma vontade de conhecimento quanto por uma vontade de explicação. O historiador vai aos homens do passado com sua experiência humana própria. O momento em que a subjetividade do historiador toma um relevo surpreendente é aquele no qual, para além de toda cronologia crítica, a história faz surgir os valores de vida dos homens de outrora. Essa evocação dos valores [...] não é possível sem que o historiador seja, vitalmente, 'interessado' nesses valores e tenha com ela uma afinidade profunda¹¹.

O imbróglio subjetivista apresentado por Choppin, que considera as pesquisas sobre conteúdo e com características ideológicas fadadas ao fracasso e limitadas, nos leva a considerar que toda pesquisa, seja sobre o tema que for, deve passar por mecanismos de controle por parte do pesquisador que a qualifiquem junto aos seus pares e ao público. Entendemos que as pesquisas sobre conteúdos específicos em livros de História devem responder a alguns quesitos e ao exercício de reflexividade sobre as motivações da pesquisa e sobre o próprio objeto e as características do conhecimento escolar, de que o livro didático é depositário. Propomos, entre outras possíveis, as condições abaixo relacionadas:

- 1) Considerar que suas escolhas de pesquisa - do livro didático e de sua temática – ocorrem a partir de sua experiência humana, cujas referências, afinidades e rejeições – memoriais e identitárias – são mobilizadas na sua leitura. A partir dessa condição, justificar explicitamente essas escolhas e motivações. Por que a escolha desse tema, no livro didático?
- 2) Explicitar a relação pressuposta entre conhecimento acadêmico e conhecimento escolar, o que define o que é o conteúdo presente no livro e sua forma de apresentação ao público escolar. O que, em sua compreensão, deveria ou poderia estar no livro como conteúdo e o porquê estar, da forma como está (voltaremos a esse ponto adiante);
- 3) Estabelecer um lugar teórico acerca do papel que a linguagem verbal e não verbal realiza na formação dos alunos que têm acesso ao livro didático. Ela possui um aspecto constitutivo na cultura e, por conseguinte, com potencial formativo para além do tema que pesquisa e o livro didático – repositório complexo de linguagens - faz

parte de um conjunto de atividades realizadas na escola para a formação escolar, processo continuado que extrapola o domínio de conhecimentos acadêmicos? Ou ela somente conduz o conhecimento já posto, a ser transmitido, estando o livro apenas como veículo material de transmissão do conteúdo em análise? Constituir um lugar teórico sobre essa relação é fundamental para enxergar no conjunto textual uma coisa ou outra;

- 4) Explicitar a teoria da leitura que ampara a sua compreensão sobre o que os alunos e professores fazem, ao usar os livros didáticos. Existem mediações que acontecem na leitura – escolar ou não - que precisam ser consideradas na análise, visibilizadas ou desnaturalizadas. A leitura (quando ocorre na escola) pode ser individual, coletiva, mediada pelo professor ou livre, contestadora ou reafirmadora dos sentidos presentes no texto. Que raciocínios, valores e formas de ver o mundo, e de instituí-lo, o texto dos livros mobiliza à medida que é acessado pelo aluno, em situações escolares ou não? Em interação com o item anterior, explicitar como e se, o ato da leitura propicia a delimitação do poder do texto do livro didático.

Somente explicitando para si e para os outros esses lugares e mediações - da linguagem e do conhecimento, da leitura, da ação do professor e do próprio aluno - bem como as do pesquisador e o que carrega como referenciais para sua análise, o tema escolhido para pesquisa no livro didático pode ser levado em conta como relevante na formação de alunos na escola, em relação a qualquer tema abordado. Considerar a existência de mediações contextualiza e relativiza esse potencial – em todos os aspectos - no conjunto de práticas e objetos mobilizados na leitura dos textos presentes nos livros. Bem como abre o caminho para pesquisas acerca das práticas em sala de aula com os livros didáticos e outros suportes e materiais. O livro didático, esse caleidoscópio, coloca ao analista o desafio de considerá-lo atravessado por sua finalidade didática em todas as instâncias: seu auditório, composto por alunos de um lado, mas também professores, sua multimodalidade - textos verbais e não verbais, impressos e virtuais - em interação, seu compassamento com a cultura escolar, ao apresentar os conteúdos na sequência prevista no currículo e ao alternar textos para leitura e textos de exercício.¹²

Finalmente quando se volta para a pesquisa da tendência epistemológica, Choppin afirma que ela se ancora em uma disciplina de referência com finalidades, conteúdos de ensino e métodos de aprendizagem específicos, interrogando-os sobre:

... qual(s) discurso os manuais sustentam sobre determinada disciplina e sobre seu ensino?
Qual(s) concepção(s) de história, qual(s) teoria(s) científica(s) ou qual(s) doutrina(s) lingüística(s) representam ou privilegiam? Qual o papel que atribuem à disciplina?
Que escolhas são efetuadas entre os conhecimentos? Quais são os conhecimentos fundamentais? Como eles são expostos, organizados? Quais métodos de aprendizagem (indutivo, expositivo, dedutivo, etc.) são apresentados nos manuais?

O questionário apresentado por Choppin sugere que, nessas pesquisas, não existiria um tema (como os citados anteriormente) de preferência do pesquisador que funcionaria como um motor de pesquisa nos livros didáticos e, sim, uma preocupação curricular ou epistemológica. Entretanto, estudos sobre currículo demonstram o atravessamento dos conteúdos escolares pela subjetividade e a ideologia, pois o aspecto formativo do conhecimento escolar envolve sempre seleção de conhecimentos de interesse de segmentos sociais em disputa. Ou seja, pesquisa e conteúdos curriculares são atravessados ideologicamente, desde o seu princípio, conforme já viemos afirmando. Assim, se existem diferenças entre um e outro tipo de pesquisa no livro didático, elas possuem nuances e sobreposições não consideradas pelo autor em sua análise.

Um caso exemplar, do campo das ciências – o que é um bom exercício para estabelecermos um raciocínio analógico com a história – chama a atenção por evidenciar que podem haver preocupações que envolvem desde a correção das informações até os efeitos da condução do raciocínio a partir de determinado exemplo, nos textos dos livros. A respeito da evolução das espécies, tema canônico do ensino de ciências (presente também, com outro foco nos livros de História), os livros didáticos analisados apresentam uma narrativa e exemplos clássicos, o antigo caso do “pescoço da girafa” – criado apenas para a explicação didática, sem sustentação científica – na suposta disputa da explicação sobre a evolução entre Darwin e Lamarck. É uma narrativa em que Lamarck é usado para referendar a teoria de Darwin, mas essa comparação não encontra respaldo no que ocorreu e na teorização do pesquisador¹³.

O conteúdo curricular e o campo de conhecimento estão aparentemente distantes da discussão ideológica. Entretanto, os pesquisadores das ciências registram que a comparação didática entre as explicações de Darwin e Lamarck para a evolução das espécies possui aparente eficácia didática, mas poderia resultar na formação de um pensamento anticientífico, provocando resultados sociais perversos, na formação científica dos estudantes. Ou seja, algo que seria eminentemente do campo curricular, o ensino e aprendizagem sobre a teoria da evolução, resultaria, a partir do discurso explicativo utilizado no livro didático, em uma

atitude anticientificista, levando a uma distorção de natureza ideológica de qualquer conhecimento.

Estabelecendo um paralelo do exemplo da teoria da evolução e do clássico caso da girafa com a história, uma discussão contemporânea se estabeleceu sobre as narrativas presentes nos livros didáticos de História que tratam de conteúdos tais como as navegações europeias, pela imprecisão ou inadequação de termos (bem como o colonialismo, a colonização e tudo que deriva daí), atravessados pelo pensamento colonial e o eurocentrismo. Seria essa uma discussão puramente epistemológica? Compreendemos que não, caminhando epistemologia e ideologia juntos, a partir do pressuposto de não neutralidade do conhecimento.

Considerando o exemplo acima, e procurando enxergar as problemáticas que orientam as pesquisas nos livros didáticos de História no Brasil, parecem predominar duas delas em sua análise. Uma delas é a preocupação com a qualidade da informação científica que veiculam: É correta? É verdadeira? É atualizada? É pertinente? Como pano de fundo teórico- e nem sempre explicitado - para esta preocupação está o juízo (do pesquisador) sobre a natureza do conhecimento que é veiculado no livro didático. As pesquisas no âmbito da história das disciplinas escolares e do ensino de História, nas últimas décadas (e outras pesquisas) apontam que, seja pela importância das culturas constituídas e a organização que lhe é correlata na escola, seja pela ação dos docentes na apropriação e síntese de um conjunto que inclui currículos, formação acadêmica e materiais de ensino para a realização de seu trabalho, o conhecimento do currículo escolar de qualquer disciplina - expresso no discurso da aula ou em materiais didáticos - é resultado de diferentes referências.¹⁴

A segunda preocupação que parece nortear pesquisas sugere o foco nos possíveis efeitos ou recepção – na leitura pelo aluno e pelo professor - da organização do discurso e das informações existentes naquele primeiro plano. Nela, questões como a predominância de determinadas escolhas, eixos, sujeitos, tenderiam a conformar sentidos, o que passa a ter um potencial de desenvolvimento cognitivo e de formação de identidades. Que mundo social é possível instituir a partir de narrativas e informações acerca de diferentes povos e momentos da história humana presentes nos livros didáticos de História?

Podemos acrescentar como uma problemática nascente a preocupação de ordem semiológica por parte dos pesquisadores, pela transformação de linguagens dos meios de comunicação. Os alunos de diferentes níveis de ensino leem cada vez menos textos em livros impressos. Outros suportes se colocam. Durante algum tempo pareceu ser o computador e

agora o texto parece estar contemplado na tela do celular, diminuído e modificado. Ele interage com o vídeo e os cards – última tradução para a palavra apontamentos, na informação sintetizada e trabalhada visualmente. Assim, mesmo os pesquisadores de textos em livros começam a se deslocar para outros suportes em busca dos sentidos construídos de forma planejada ou não, didatizada ou não, a partir da leitura, na atualidade.¹⁵

Em síntese, o conjunto de questões colocado por Choppin, há mais de vinte anos, não perde sua atualidade, mas merece ser enriquecido e problematizado. A temática do livro didático é de permanente interesse do jovem pesquisador, instigado por verificar como são abordados nos livros didáticos temas de seu interesse. Como todas as pesquisas, tais análises exigem permanente controle epistemológico para sua realização. Entretanto, em nossa compreensão, tal conjunto de observações críticas não deve invalidar a proposta de pesquisas em livros didáticos acerca de nenhum tema curricular, especialmente os considerados sensíveis, no caleidoscópio que é a pesquisa em livros didáticos.

Felizmente, o panorama e a complexidade das pesquisas sobre o livro didático, sua narrativa e conteúdos curriculares, bem como suas abordagens, permanece sendo em eventos mundiais sobre a temática do livro e na subsequente publicação de coletâneas e artigos relativos a esses eventos ocorridos ao final do século XX e início do século XXI, com a pretensão de cobrir diferentes aspectos do livro em sua natureza caleidoscópica. Em 1996 ocorreu importante evento em Madri, promovido pelo Instituto MANES, que promoveu o I Simposio Manes, resultando na publicação “El Libro Escolar. Reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas.” Nesse livro, conforme dito em seu título, se afirmava o caráter do livro didático em sua dependência das políticas em diversos países e intenções pedagógicas, o que prenuncia a preocupação que vai se acentuar nas décadas seguintes. O livro é organizado em três partes, com análises sobre o estudo de manuais escolares em relação à história das disciplinas, os processos de regulação, produção e divulgação de manuais escolares e instrumentos de pesquisa histórica sobre manuais escolares. Vale registrar o movimento realizado entre as instituições latino-americanas que pesquisavam o livro didático por volta do ano 2000, de estabelecimento de parceria com o Centro de Investigación MANES, para intercâmbios entre as pesquisas realizadas entre Argentina, Brasil, Chile e outros países.¹⁶

O Seminário Internacional de textos escolares – SITE, ocorrido em Santiago do Chile em 2006 demonstra o prosseguimento do interesse sobre a temática na perspectiva dos textos, o que resultou em mais uma publicação¹⁷. A obra se divide em dez partes, que demonstram a complexidade do livro didático como caleidoscópio e a permanência no interesse da análise

de seu conteúdo: Políticas públicas em textos escolares, Texto escolar y nuevas tecnologías, Desarrollo profesional docente a través del texto escolar, Análisis de contenidos y del discurso en textos escolares, Texto escolar y otros recursos educativos, Producción de textos escolares, Propuestas pedagógicas y enfoques didácticos en textos escolares, Evaluación y selección de textos escolares, Modalidades de uso del texto escolar e Conferencias Plenarias. Destacam-se também a importância dada a outras bases para o texto escrito, que não a impressa, e a avaliação de livros didáticos e seus textos, seja através de políticas públicas (reforçando o papel do Estado junto aos livros didáticos) ou através da avaliação qualificada de diferentes agentes que atuam com os livros, como o professor.

Na sequência, em 2007, ocorreu o Simpósio Internacional Livro Didático: Educação e História, evento organizado pelo LIVRES - Banco de Dados de Livros Escolares brasileiros - localizado na USP, no Brasil, que recebeu pesquisadores brasileiros e estrangeiros, bem como importante conferência de Alain Choppin. Ao longo dessa década destaca-se também a publicação da Unesco em reedição, “Guidebook on Textbook Research and Textbook”, em parceria com o Georg Eckert Institute for International Textbook Research, instituição alemã que desde 1951 vem fomentando pesquisas sobre livros didáticos, preocupada com o potencial formador dos livros didáticos. A publicação e sua reedição demonstram a mobilização de pesquisadores e gestores de instituições voltados ao estabelecimento de parâmetros que permitam o intercâmbio de instituições de pesquisa em nível mundial.

Destacam-se ainda como publicações isoladas e com metodologias diferentes (de escopo, levantamento e organização da escrita), com pretensão de inventário crítico e de perspectivas, os livros de Egil Børre Johnsen e o de Kênia Moreira e Marilda da Silva, já mencionado.¹⁸ O primeiro, com título que inspirou o título do presente artigo, “Textbooks in the Kaleidoscope A Critical Survey of Literature and Research on Educational Texts,” realiza uma análise metódica das pesquisas sobre os livros didáticos da Europa e América do Norte, seu conteúdo e desenvolvimento, design e relação com a escolarização. O capítulo voltado para a questão da ideologia no livro didático oferece elementos provocadores para o panorama atual das pesquisas sobre o livro no Brasil. E o item “Perspectivas” aponta para reflexões também atuais. O segundo livro, já mencionado no início deste artigo, tem como base a dissertação da primeira pesquisadora, reformulada para o formato de publicação, que faz um mapeamento quantitativo e qualitativo das dissertações e teses sobre a temática do livro didático publicadas no Brasil entre 1980 e 2005, e mais especificamente, as publicadas no sudeste do país. As autoras organizam as obras por diferentes entradas, privilegiando

temáticas e metodologias. Por último apresentam as tendências de pesquisas brasileiras nos 25 anos pesquisados. Assim, se constitui de obra de caráter mais restrito quanto ao escopo, porém mais sistemático que a anterior.¹⁹

Alternativas teórico-metodológicas para a análise de livros didáticos e o Projeto “Narrativa Histórica nos livros didáticos: tradição e rupturas”

As pesquisas que se voltam aos textos presentes em livros didáticos precisam mobilizar aspectos metodológicos para a análise de textos, visando ir além do senso comum criticado por Choppin.²⁰ Como analisar esse caleidoscópio ou decifrar essa esfinge, que possui tantos aspectos a serem considerados? Sem desconsiderar a existência de inúmeras pesquisas nacionais, de maior ou menor fôlego,²¹ nos voltaremos a algumas tendências mapeadas em diferentes partes do mundo, que tangenciam ou vão ao ponto dos problemas apontados por Choppin, revendo-os por outro ângulo.

Para realizar o intento desse mapeamento – esboçado ao final da seção anterior - privilegiamos o instigante artigo de revisão bibliográfica realizada por Maria Grever e Tina van der Vlies.²² Elas registram o renovado interesse sobre o tema do nacionalismo em tais pesquisas, em especial em Estados emergentes, destacando alguns aspectos metodológicos de nosso interesse. O artigo aponta algumas fragilidades de pesquisas em livros didáticos (entre elas o de denunciar somente o que falta em tais livros) e depois registra tendências e abordagens contemporâneas em diferentes lugares, com destaque para Europa e Estados Unidos da América. Destacaremos as abordagens que denominam “holísticas,” as quais examinam o livro didático de História em aspectos integrados: sua composição, periodização, intertextualidade visual e o papel de capítulos que, à primeira vista, não parecem se concentrar na história nacional ou em cada um de seus capítulos. Segundo as autoras, essas abordagens mostram que aspectos como a organização da tradição do conhecimento histórico sustenta a perpetuação de narrativas em livros de História. Tais abordagens também propiciam perceber que temas sensíveis em disputas memoriais (como a escravidão durante o período colonial) podem transformá-los.

Entre as abordagens mapeadas estão os estudos pautados na narratologia, em que processos menos visíveis desempenham um papel importante na explicação de mudanças e continuidades nas narrativas nacionais. Entre eles, a sobrevivência de alguns erros em livros didáticos pode ser atribuída à reafirmação de identidades coletivas, por serem “boas histórias”

e por sua característica patriótica. Nessa acepção, os livros de História podem repetir histórias familiares às novas gerações devido à eficácia narrativa presente em fatores culturais.

Outro pressuposto holístico que tem sido proveitoso em diversas pesquisas é que temas específicos ressignificam o contexto de todo o livro, e isso certamente se aplica às narrativas históricas. Mudanças na estrutura narrativa de um tema – por exemplo, a colonização – devido a transformações sociais associadas a diferentes visões sobre o passado, têm um impacto sobre a função e o significado de todo o conjunto de narrativas. Algumas narrativas específicas desaparecem, enquanto outras "histórias secundárias" anteriores são enfatizadas, aumentadas.

Por outro lado, a estrutura narrativa ou composição do livro de História e suas narrativas específicas sobre eventos passados estão conectadas, o que dificulta a possibilidade de grandes mudanças em um tema, sem a mudança na direção de toda a obra. Segundo as autoras, a mudança de perspectiva acerca da escravidão no mundo moderno está exigindo a transformação de obras inteiras em diferentes países que foram colonizadores e colonizados. Para a análise dessas obras, alguns autores vêm usando o conceito de memórias multidirecionais, que demonstram como a atuação de lutas por direitos de memória pode produzir narrativas que vão em outra direção, que não as estabelecidas pela tradição.²³ Essa afirmação se mostra de especial valor heurístico para pesquisas acerca do protagonismo de sujeitos antes secundarizados, como africanos e afrodescendentes e indígenas, na história do Brasil. Não basta conferir-lhes protagonismo em determinados momentos da história. A mudança de protagonismo na narrativa produz alterações nela como um todo.²⁴

Uma das pesquisas não mencionadas anteriormente e que chamou a atenção de nosso levantamento, também por seu caráter holístico, é a de Morgan & Henning.²⁵ Nessa proposta, os livros escolares são instrumentos didáticos que apresentam uma pequena amostra de conhecimento, a que se pode denominar, em certa medida, de herança cultural, codificando uma linguagem, imagens, posições epistemológicas, sempre inseridas num sistema de ensino, em um processo de permanentes influências. As autoras apresentam a metodologia que abrangeu a análise didática e de conteúdo de livros didáticos de História, a partir de pesquisa sobre o tema "teorias da raça e do racismo e seu impacto histórico" na África do Sul.

Elas visaram construir uma ‘ferramenta’ que fosse abrangente, holística, prática, mas também específica para a disciplina. Para isso, mobilizaram a história, psicologia, sociologia, educação e linguística. Da história derivou o tema de estudo e a unidade de análise (capítulos em livros de História), bem como aspectos da didática da história a partir de proposta de

Rüsen, traduzidos como "métodos estabelecidos de psicologia e sociologia, reestruturados à peculiaridade da consciência histórica."

Também em uma perspectiva que possui características teórico metodológicas transversais ou holísticas, o Projeto de pesquisa "Narrativa Histórica nos livros didáticos: tradição e rupturas" se desenvolve desde 2014,²⁶ sob nossa coordenação, com a participação pontual de pesquisadores convidados e o apoio de cinco bolsistas. A problemática do projeto não se dedica a um único tema e, sim, a um conjunto de características transversais à narrativa histórica dos livros de História aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A primeira e principal, investigar o que contribui interna e externamente para as permanências curriculares e discursivas dessas narrativas e o que propicia mudanças. Nossa hipótese é que aspectos exteriores e internos à escrita escolar dos processos e eventos atuem para essa permanência e eventuais mudanças,²⁷ procurando caracterizá-los. Tais características das narrativas presentes no conjunto de livros de uma mesma temporalidade trazem referências historiográficas e geracionais de um conjunto diverso de autores.²⁸

Paul Ricoeur fornece os elementos para compreender essa dinâmica. O sentido de um texto (qualquer texto) é criado no jogo interno de dependências estruturais e nas relações com o que está fora dele. No caso deste projeto, isso significa que os sentidos da narrativa histórica se constituem por mecanismos internos, textuais, e externos a ela própria. Entre os fatores internos estão as escolhas lexicais, a textualidade, a busca linguística de clareza e de coerência global do texto. Entre os fatores externos se destacam o passado como objeto de experiência e a escrita e a leitura como (re) construções subjetivas desse passado, além das mediações realizadas pelos professores.

Dessa maneira, trouxemos elementos da análise do discurso ou linguística em interação com referenciais da história e sua teoria. Para analisar recorrências ou sua falta, mobilizamos a abordagem de análise do conteúdo ou discursiva, sempre tendo como referência a historiografia sobre o tema.²⁹ Esses referenciais evidenciam que, como narrativas, tanto a história quanto a literatura possuem pontos de aproximação e uma diferença fundamental. Como textos, ambas as narrativas são objetos linguísticos e históricos. A diferença fundamental entre elas está em seu enraizamento diferenciado na matéria da realidade. Ao serem escritas, a história e a literatura se constituem em gêneros do discurso, estabelecidos na história da experiência humana com a linguagem. Sendo gêneros do discurso, entre outros, essas narrativas compartilham alguns elementos composicionais, como as formas de desenvolvimento do texto (início, desenvolvimento e conclusão), a intriga ou

enredo que organizam de forma peculiar esse desenvolvimento e a presença de personagens que contribuem para o desenvolvimento da narrativa, atuando ou recebendo a ação de outro em determinado tempo e espaço.³⁰

O projeto parte do pressuposto que as disciplinas escolares se constituem de corpos de conhecimentos reconhecidos socialmente como verdadeiros e estáveis. Os livros didáticos de História, nesse sentido, funcionam como repositórios, especialmente através de textos que constituem sua narrativa, de conhecimentos que se espera (socialmente) que sejam verdadeiros e úteis.³¹ A definição de livros do PNLD como corpus de análise ganha sentido nesse contexto. O resultado da análise de livros de História desse programa se torna um termômetro em potencial das tendências de organização curricular disponíveis hoje no mercado editorial. O livro didático de História, na sequência dos editais do PNLD, pode ser examinado como um dos textos visíveis do código disciplinar da História.³² O PNLD 2011 representa um momento de consolidação e aperfeiçoamento do programa.

Em sua primeira etapa, o projeto se dedicou a mapear os temas presentes em ao menos doze coleções entre as dezesseis aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Após a pesquisa entre os temas recorrentes das coleções, destacaram-se 47 temas. A partir dele, fizemos o levantamento das narrativas presentes em capítulos e em tópicos de capítulos nos textos principais de cada livro sobre os temas, a elaboração de uma síntese narrativa para registro em sistema próprio, bem como o destaque de algumas categorias que funcionam como instrumentos de análise, quais sejam: sujeitos, fatores detonadores, conceitos presentes na narrativa, tempo e lugar dos acontecimentos.

Em segundo lugar foi feita a comparação entre as análises individuais para perceber a construção predominante das narrativas (sua intriga), as recorrências de sujeitos e fatores detonadores. A partir dessa comparação, pudemos chegar a conclusões preliminares sobre cada narrativa em seus aspectos recorrentes e não recorrentes. Bem como comparar os temas dos livros dessa temporalidade com outros, antes e depois deles. Tais ações, em cada tema, têm nos levado a caminhos de pesquisa e achados diversos, exigindo interlocução com historiografia específica.

A partir de análise preliminar de materiais de pesquisa anterior, temos evidências de que, se o tema é relativo à história nacional, ou relativo à historiografia em (re)elaboração, a narrativa estará sujeita a maior variação em sua escrita. Como exemplo, temas mais recentes, dos últimos cinquenta anos, apresentam maior heterogeneidade na narrativa escolar, na busca de compatibilização da memória histórica estabelecida, da historiografia já produzida sobre o

tema e as finalidades didáticas do livro, como é o caso do tratamento narrativo da ditadura militar no Brasil.³³

Na segunda etapa do projeto, iniciada em 2017, constituímos núcleos temporais com alguns dos temas (da história nacional e da história mundial) analisados na primeira etapa. Eles possuem temas principais ou conectores³⁴, mais centrais, e temas secundários, que fazem a ligação com os temas subsequentes, ou que os antecedem, tratando-se de temas tais como sujeitos ou conceitos subjacentes aos temas principais. Estamos buscando ligações entre as narrativas dos capítulos, através de relações causais, conceituais, presença e relações entre sujeitos ou de sequência de capítulos. Um desses núcleos, a título de exemplo, é o da Revolução Francesa, um tema conector de temporalidades - que tem em torno de si, na sequência de capítulos dos livros, o absolutismo e as independências de colônias americanas e do Brasil. Destaca-se a presença do eurocentrismo como categoria pressuposta transversal, conferindo uma direção argumentativa para os processos de independência.

Na história recente, a ditadura civil-militar brasileira funciona como tema conector entre outros temas na história nacional, sendo acompanhado por um tema estruturante de ordem econômica da história mundial que é a crise do petróleo no Oriente Médio, a qual se estende ao longo da segunda metade do século XX até o início do XXI, afetando mais ou menos diretamente outros temas da história mundial e nacional. O desafio da escrita para os autores dos livros é a articulação entre tais conteúdos, pois eles são organizados em capítulos sucessivos, considerando o compassamento da leitura e das aulas de História, no tempo escolar.

Após a análise dos temas na primeira etapa do projeto Narrativa Histórica, com o levantamento de sujeitos, fatores detonadores e conceitos, além das intrigas internas à narrativa particular de cada tema, estamos procurando compreender a integração desses temas na perspectiva de uma grande narrativa, se não compondo uma única narrativa em toda a coleção, em narrativas constituídas em torno de núcleos temporais, formados por temas conectores como os elencados acima.

Vemos assim que a narrativa que se constitui no livro didático de História responde a diferentes demandas, utilizando diversas estratégias. Para constituir sentidos ela é atravessada por tradições como o eurocentrismo, em um tema, e o pensamento conservador presente na sociedade brasileira, em outro, como também precisa se valer da estrutura narrativa entre a ficção e a realidade, o que deixa dúvidas sobre seu teor de verdade. É desafiadora para o

projeto Narrativa Histórica a propensão ao estabelecimento de temas principais e temas secundários, na narrativa presente nos livros didáticos, o que contribui para a manutenção de argumentos transversais como os citados acima, e a luta pelo estabelecimento de novos paradigmas explicativos.

Conclusões preliminares

Este artigo pretendeu problematizar uma avaliação que se estabeleceu entre pesquisadores do e no livro didático de História, quanto à potencialidade heurística de algumas alternativas de pesquisa. Ao apresentar bibliografia internacional sobre a pesquisa em livros didáticos, procurou demonstrar que algumas dessas avaliações podem ser redimensionadas no contexto atual de produção do conhecimento sobre o livro didático e o conhecimento histórico escolar, a partir dele. Procurou demonstrar que no momento atual, as pesquisas que abordam temas sensíveis no ensino de história em livros didáticos cumprem importante papel de questionar a tradição que perpetua narrativas que não atendem à necessidade de uma história plural e que traga sujeitos diversos com protagonismo, em diferentes momentos da história nacional e mundial, o que precisa sempre ocorrer com os cuidados necessários a toda pesquisa.

Além disso, o artigo trouxe a público notícias de algumas novas pesquisas que se voltam para o texto do livro didático e suas escolhas teórico metodológicas, que se caracterizam por diferentes abordagens integradas, relativas a aspectos diversos, denominadas como abordagens holísticas. Entre elas, o projeto Narrativa Histórica, que vem constituindo uma alternativa de análise transversal e holística na investigação com livros didáticos, aplicando-a a diferentes temas de formas diversas, de acordo com as questões historiográficas ou pedagógicas que esses temas suscitam, em busca dos sentidos que estão no texto da narrativa mas que também se constituem em sua interação com os contextos de diferentes ordens que se apresentam. O conjunto de livros do PNLD, na sucessão dos editais do programa entre o início do século XXI e a atualidade, permite incursões de pesquisa diversas, de caráter sincrônico e diacrônico, que vêm oferecendo pistas instigantes acerca da história escolar nacional, da história mundial e dos pontos de contato entre uma e outra, em suas permanências e mudanças.

Fica o desafio de conhecermos cada vez mais e melhor pesquisas nacionais e sul americanas que busquem as conexões e direções estabelecidas nas narrativas históricas – considerando as relações coloniais e pós-coloniais presentes nas narrativas didáticas da

história – voltadas aos pontos de conexão entre temas e abordagens no caleidoscópio da pesquisa dos livros didáticos desta disciplina. Tal conhecimento pode contribuir para uma apreciação mais complexa do caleidoscópio da narrativa histórica em tais livros.

Notas

¹ CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004, p. 555-557.

² BAKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

³ MOREIRA, Kenia. H., SILVA, Marilda. *Um inventário: o livro didático de história em pesquisas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.

⁴ FREITAG, Barbara. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1993, p.65.

⁵ MOREIRA, 2010, p.53.

⁶ Esses títulos se tornaram ícones de uma literatura e tendência de pesquisa no Brasil, que se especializou na busca de sinais ideológicos no discurso presente em livros didáticos, não apenas de História. V. NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Cortez, 1978 e de FARIA, Ana Lúcia Goulart. *Ideologia no livro didático*. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1984.

⁷ GREVER, Maria; VAN DER VLIES, Tina. Why national narratives are perpetuated: A literature review on new insights from history textbook research. *London Review of Education*. Londres, Volume 15, Number 2, p.286-301, 2017.

⁸ Destaque da autora.

⁹ LORIGA, Sabina. O eu do historiador. *História da historiografia*, Ouro Preto, número 10, p. 247-259, 2012.

¹⁰ O artigo de Christian Laville aborda com propriedade a ilusão de absorção sem barreiras de referências identitárias em livros de história, em diferentes países. V. LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões no torno do ensino de História. *Revista Brasileira História*. São Paulo, vol.19, n.38, pp.125-138,1999.

¹¹ Para aprofundar a discussão encaminhada aqui sobre a mobilização da subjetividade do historiador em sua pesquisa e escrita, para além do artigo de Loriga, encaminhamos a RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Ed. Unicamp, 2008, p.31.

¹² Como a análise dos livros didáticos envolve muitos aspectos interpretativos e escolhas, tais como a escolha do livro pelo professor - o que vai trabalhar desse livro e as formas desse trabalho - vem se fortalecendo a tendência internacional de pesquisar o livro didático (em cada um dos aspectos mencionados) em seu uso na sala de aula.V.Angulo, Kira Mahamud; RUBIO, Ana Maria Badanelli. Los contextos de transmisión y recepción de los manuales escolares: una vía de perfeccionamiento metodológico en manualística. *História da Educação* v. 20 n. 50, p. 29-48, 2016.

¹³ O instigante artigo de Isabel Roque demonstra que olhar para além dos muros disciplinares enriquece o debate sobre as relações entre disciplina científica e escolar. V. ROQUE, Isabel Rebelo. Sobre girafas, mariposas, corporativismo científico e anacronismos didáticos. In *Ciencia Y Tecnologia, La Insignia*, setembro, 2002.

¹⁴ Compreendemos que o conhecimento presente nos livros didáticos é de natureza didática: o resultado de um processo complexo e heterogêneo de apropriação de conhecimentos de diversas áreas, processo esse que visa o ensino e a aprendizagem, para a formação de alunos de diferentes idades na escola. Atende a finalidades escolares, que são estabelecidas socialmente, cf. CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

¹⁵ V. FLUSSER, Vilém. *A Escrita Há Futuro para a Escrita?* Rio de Janeiro: Annablume, 2010.

¹⁶ SAUTER, Gabriela Ossenbach. La Investigación sobre los Manuales Escolares En America Latina: La Contribución Del Proyecto Manes. *Historia de la Educación*. Salamanca, nº 19, p. 195-203,2000.

¹⁷ MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Primer Seminario de textos escolares 2006*. Gobierno de Chile, Santiago de Chile, 2007.

¹⁹ V. JOHNSEN, Egil Børre, *Textbooks in the Kaleidoscope: A Critical Survey of Literature and Research on Educational Texts*. Londres: Oxford University Press, 1993.

¹⁹ MOREIRA, 2010.

²⁰ Antoine Prost apresenta interfaces possíveis entre a história e a linguística e análise do discurso, na pesquisa histórica, demonstrando que parte do ferramental mobilizado em tais análises também é mobilizado quando se faz a boa crítica histórica. V. em PROST, Antoine. As palavras. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. (trad. Dora Rocha), 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2003.

²¹ Não faz parte do escopo deste artigo fazer o inventário ou destaque das pesquisas sobre o livro didático no Brasil, não destinando por isso uma seção para registrar as pesquisas existentes e que são referência para o campo. Para tal fim, deve o leitor se dirigir a alguma das importantes obras de referência, entre elas: Bittencourt, Circe. *Livro didático e saber escolar 1810-1910*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008; GATTI Jr., Décio. *A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru: EDUSC; Uberlândia: EDUFU, 2004; MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. 206fs. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. *Livros didáticos de História: escolhas e utilizações*. Natal: EDUFRN, 2009; ROCHA, Helenice.A. B; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo. S. (Org.). *A história na escola: autores livros e leituras*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

²² GREVER, 2017.

²³ VAN DER VLIES, T. 'Multidirectional war narratives in history textbooks'. *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education*, 52, 300–14, 2016.

²⁴ Para a discussão sobre protagonismo de sujeitos secundarizados na história ver COELHO, Mauro Cezar; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Paradoxos do protagonismo indígena na escrita escolar da História do Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 464 - 488, jul./set. 2018.

²⁵ MORGAN, Katalin Eszter, HENNING, Elizabeth. Designing a tool for history textbook analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 14(1), 1-21, 2013.

²⁶ O Projeto "Narrativas nos livros didáticos de História: tradição e rupturas," se desenvolve desde 2014, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo tido o apoio do Edital Jovem Cientista de Nosso Estado, da bolsa Prociência (UERJ/Faperj) e a partir de 2020 tem o apoio CNPQ, através de bolsa PQ.

²⁷ A parte a seguir do texto é uma modificação de alguns trechos da Introdução da obra *Livros didáticos de História: entre políticas e narrativas*, onde explicamos a fundamentação teórico metodológica do projeto *Narrativa Histórica*. V. ROCHA, 2017.

²⁸ LORIGA, 2012.

²⁹ Para essa análise, mobilizamos a abordagem de análise do conteúdo ou discursiva, sempre tendo como referência a historiografia sobre o tema, com interlocução com, sucessivamente, BARDIN, Laurence. *A análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977; BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1999; BAKTIN, Mikhail. *Contribuições para a filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2005 e KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Puc-Rio, 2006.

³⁰ BAKTHIN, 2003.

³¹ V. em ROCHA, Helenice. Livros didáticos de história: a diversidade de leitores e de usos. In: ROCHA, H.A. B; REZNIK, L.;MAGALHÃES, M. S.. (Org.). *A história na escola: autores livros e leituras*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009, p. 201-226.

³² CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. *Sociogénesis de una disciplina escolar: la Historia*. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor S.A. 1997.

³³ ROCHA, 2017.

³⁴ Também denominados de conceitos coligatórios, em Jansen e Grever, apud GREVER. 2017.

Referências

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1999.

BAKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

BAKTIN, Mikhail. *Contribuições para a filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2005.

BARDIN, Laurence. *A análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Educação*, ASPHE, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 9-75, 2009.

COELHO, Mauro Cezar; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Paradoxos do protagonismo indígena na escrita escolar da História do Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 464 - 488, jul./set. 2018.

CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. *Sociogénesis de una disciplina escolar: la Historia*. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor S.A. 1997.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Ideologia no livro didático*. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1984.

FREITAG, Barbara. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1993.

GREVER, Maria; VAN DER VLIES, Tina. Why national narratives are perpetuated: A literature review on new insights from history textbook research. *London Review of Education*. Londres, Volume 15, Number 2, p.286-301, 2017.

JOHNSON, Egil Borre. *Textbooks in the Kaleidoscope*. A Critical Survey of Literature and Research on Educational Texts. Translated by Linda Sivesind. Tønsberg: Vestfold College, 2001.

KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Puc-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. *História da historiografia*, Ouro Preto, número 10, p. 247-259, 2012.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Primer Seminario de textos escolares 2006*. Gobierno de Chile, Santiago de Chile, 2007.

MOREIRA, K. H., SILVA, M. *Um inventário: o livro didático de história em pesquisas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.

MORGAN, Katalin Eszter, HENNING, Elizabeth. Designing a tool for history textbook analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 14(1), 2013.

NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Cortez, 1978.

PROST, Antoine. As palavras. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. (trad. Dora Rocha), 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2003.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Ed. Unicamp, 2008.

ROCHA, Helenice. Livros didáticos de história: a diversidade de leitores e de usos. In: ROCHA, H.A. B; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. S.. (Org.). *A história na escola: autores livros e leituras*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009, p. 201-226.

ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. de S. (org.). *Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

ROQUE, Isabel Rebelo. Sobre girafas, mariposas, corporativismo científico e anacronismos didáticos. In *Ciencia Y Tecnologia, La Insignia*, setembro, 2002.

UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization and Georg Eckert Institute for International Textbook Research. *Guidebook on Textbook Research and Textbook Revision*. Place de Fontenoy, Paris, Braunschweig, 2009.

VAN DER VLIES, T. 'Multidirectional war narratives in history textbooks'. *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education*, 52 , 300–14, 2016.